

POLÊMICA E ARGUMENTAÇÃO: INTERFACES POSSÍVEIS EM TEXTOS MIDIÁTICOS DE NATUREZA POLÍTICA

POLEMIC AND ARGUMENTATION:

POSSIBLE INTERFACES WITHIN POLITICAL MEDIA-TEXTS

Mônica Cavalcante*
monicamc02@gmail.com

Rosalice Pinto**
rpinto@fcsh.unl.pt

Mariza Brito***
marizabrito02@gmail.com

Este artigo, centrado essencialmente numa perspectiva sociocognitivo-discursiva para o estudo da argumentação em textos, visa a refletir sobre as formas como a polêmica (Charaudeau 2017; Amossy 2017) em sua vertente argumentativa se materializa em textos midiáticos de natureza política. Para atingir tal objetivo, são selecionados exemplares de textos de natureza opinativa em circulação na mídia brasileira sobre a destituição do Presidente da República atual do Brasil: Michel Temer. Estudos preliminares atestam a relevância das categorias analíticas da Linguística Textual para que se analisem os procedimentos argumentativos ou estratégias argumentativas (Amossy 2017) presentes em textos de natureza polêmica. Defende-se aqui que a Linguística Textual, ao considerar os interlocutores verdadeiros agentes sociais, pode vir a considerar a existência de dois tipos de argumentação que podem até ser concomitantes nas interações verbais: o da “retórica do acordo” e o da “retórica do dissenso”, estando a polêmica associada ao dissenso.

Palavras-chave: polêmica, linguística textual, discurso, argumentação, categorias linguísticas

This article focuses mainly on a socio-cognitive-discursive perspective for the study of argumentation in texts, in order to reflect on the way in which the polemic (Amossy 2017; Charaudeau 2017) in its argumentative aspect is materialized within political media-texts. To achieve this goal, media-texts that show opinions about the dismissal of the current President of Brazil – Michel Temer – in the Brazilian *media* were selected. Preliminary studies attest to relevance of Text Linguistics analytical

* Universidade Federal do Ceará, Brasil.

** Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

*** Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil.

categories in order to analyze the argumentative procedures or argumentative strategies (Amossy, 2017) present in polemical texts. We argue that Text Linguistics, when considering that the interlocutors are social agents, may suppose the existence of two types of argumentation that may even be concomitant in verbal interactions: one based on agreement and the other on dissensus and the polemic may be associated with dissensus.

Keywords: polemic, text linguistics, discourse, argumentation, linguistic categories

*

1. Introdução

A polêmica, ou “o ser polêmico”, como bem coloca Charaudeau (2017, p. 77), vem ao longo dos anos suscitando várias definições em função das correntes teóricas a que se associa. Para alguns teóricos, a polêmica pode vir a estar, mesmo implicitamente, presente em textos em que se busca uma espécie de “harmonia social” (Perelman & Olbrechts-Tyteca 2005); para outros, ela constitui o cerne dos discursos em que o debate social se faz presente (Amossy 2017). Para tal, dois pressupostos merecem ser relevados. Primeiramente, à semelhança de Amossy (2017), consideramos que ela constitui o cerne dos discursos em que o debate social se faz presente e é, pela retórica do dissenso que a polêmica se instaura no espaço público. Em segundo lugar, assumindo o posicionamento de Maingueneau (1984, p. 119) segundo o qual, numa dimensão discursiva profunda, a polêmica está diretamente relacionada a um discurso anterior (primeiro), responsável pelo seu desencadeamento.

Com isso, objetivamos também mostrar algumas reflexões desenvolvidas pelo grupo PROTEXTO¹ sobre concepções atuais da Linguística Textual atuais da Linguística Textual em contexto brasileiro que aproximam os estudos textuais aos discursivos. Dessa forma, questões relegadas ao extralinguístico

1 O grupo PROTEXTO (Grupo de Pesquisa em Linguística Textual da Universidade Federal do Ceará), criado em 2001, composto por docentes e discentes da Universidade Federal do Ceará e de outras instituições de ensino superior do país. O grupo, vinculado à linha de pesquisa intitulada Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, desenvolve pesquisas com foco em referenciação, intertextualidade e argumentação.

(tradicionalmente relacionadas a aspectos discursivos) passam a ser consideradas importantes para o estudo da materialidade plurissemiótica dos textos que intervêm, inclusive na construção argumentativa dos textos, como mostraremos nas análises efetuadas.

A fim de situar seu ponto de vista numa análise do discurso que admite interfaces com as perspectivas retóricas, Amossy propõe um estudo de aspectos retóricos dentro do embate entre discursos, interpretáveis a partir de situações enunciativas concretas. Para isso, a autora estabelece uma distinção entre as concepções retóricas do acordo², as quais sempre pressupuseram o consenso como meta final, e aquilo que ela denomina de “retórica do dissenso”. E é nesta última, em que são reconhecidas as situações de um debate inconciliável, irresolúvel, que se situa a caracterização da noção de polêmica que a autora postula.

Vale salientar que tem sido recorrente, nas pesquisas em Linguística Textual brasileira, buscar explicar as escolhas textuais pelas quais o sujeito age sobre o seu dizer, reelaborando-o a todo instante, negociando-o não apenas em função de seus (prováveis) interlocutores, mas também dos papéis sociais postos em cena durante as interações, a fim de realizar o que poderíamos chamar de estratégias de persuasão. A suposição de interlocutores como verdadeiros agentes sociais faz a Linguística Textual investir na descrição e na análise das estratégias de organização textual de que pode se valer o locutor para atender, a nosso ver, a uma persuasão tendendo mais ou a uma “retórica do acordo” ou a uma “retórica do dissenso”.

Ressaltamos que, embora muitos pressupostos da análise do discurso sejam comuns ao que se defende em Linguística Textual, as duas perspectivas divergem quanto aos interesses investigativos. A finalidade da teoria argumentativa no discurso é a análise do embate entre os discursos, das práticas discursivas que identificam formações discursivas; a finalidade da Linguística Textual, em que nos localizamos, é a análise de estratégias de organização textual que servem à persuasão.

De forma a atender o objetivo proposto, foram selecionados exemplares de textos que circularam na mídia digital do Brasil, durante o ano de 2017, sobre questões políticas, nomeadamente os comentários polêmicos de leitores

2 Vale aqui salientar que as perspectivas de Perelman e Olbrechts-Tyteca no Tratado de Argumentação, como também as descrições argumentativas de Plantin, de van Eemeren e Grootendorst (na Pragmadiálética), de Toulmin e de Adam pressupõem que os recursos argumentativos têm como meta a estabilidade de um consenso.

de jornais brasileiros, relativos à destituição do Presidente Michel Temer da Presidência do Brasil.

2. Aspectos teóricos

A noção de polêmica não é consensual e, seguindo as vertentes teóricas e respectivas áreas de conhecimento, admite definições diversas. Como bem salientam Declercq, Murat & Dangel (2003), a polêmica (do gr. *polémicos*: “que diz respeito à guerra”), é um fenômeno geral presente na filosofia, na literatura, em diferentes interações verbais. Caracteriza-se, portanto, por “múltiplas manifestações textuais da adversidade”, podendo se manifestar de forma mais ampla ou mais restrita. Contudo, como interessamo-nos aqui pelo conceito de polêmica associado às práticas textuais-discursivas, deter-nos-emos aos aspectos teóricos aportados por Amossy (2017) para a sua descrição. No entanto, estudos de outros autores serão também convocados, como veremos, uma vez que trabalhamos com a materialidade da argumentação associada à polêmica em textos. Na verdade, o aporte teórico de Amossy (2017), para associar os estudos da polêmica com os da argumentação, serão de extrema valia para a análise dos textos selecionados.

2.1. Polêmica – Estabilização de conceito

À semelhança de Amossy (2017) assumimos, neste trabalho, que a polêmica consiste em um debate que se instaura em praça pública a partir de temas de interesse social para aquela determinada cultura, sendo o embate de opiniões a condição *sine qua non* de sua existência³. Ainda, advogamos que a oposição de discursos a ela atrelada pressupõe forçosamente – como também salienta Angenot (1982, p. 34) –, a existência de “uma dupla estratégia: demonstração de tese e refutação-desqualificação de uma tese adversa”.

Na sociedade globalizada atual, em que relações de poder, dominação e desigualdade social evidenciam-se, é através dos discursos e textos que circulam (Van Dijk 2001, p. 202) que as divergências acerca de temas polêmicos são difundidas, fazendo ecoar discussões fervorosas no espaço público. É a partir dessa “polemicidade” que se instauram o caráter bélico, envolvendo relações de poder, de violência verbal e de ataque ao outro; a negatividade,

3 Para o estudo de comentários polêmicos sobre discursos midiáticos, ver: Pinto & Simões (2017).

provocando a desqualificação do outro, ou ainda, a paixão, instaurando a emoção no espaço público. Tais traços associados à polêmica já haviam sido descritos, inclusive, por teóricos interacionistas, como Kerbrat-Orecchioni (1980), e por outros teóricos como Plantin (2003). Contudo, alguns movimentos peculiares do discurso polêmico definidos por Amossy (2017) merecem ser relevados e serão desenvolvidas nas análises. Segundo a autora, são três os movimentos específicos do discurso polêmico: a dicotomização, a polarização e a desqualificação. Pelo primeiro, existe uma co-existência de posicionamentos contrários sobre um determinado tema; pela segunda, existe uma centralidade de princípios e pontos de vista, o que bloqueia o acordo; pelo terceiro, a construção da interação polêmica se faz com o uso de expressões linguísticas de teor depreciativo em relação ao outro, podendo chegar, inclusive, à violência verbal.

2.2. Argumentação – Estabilização de conceito

Consideramos que todo enunciado, respeitando o dialogismo bakhtiniano, é uma espécie de prolongamento de um discurso anterior, trazendo, mesmo implicitamente, uma resposta a discursos prévios e suscitando ainda outros. Dessa forma, existe uma espécie de polemicidade que lhe é constitutiva. Ao mesmo tempo, seguimos o posicionamento de Amossy (2017) para quem a argumentatividade também lhe é intrínseca, uma vez que todo discurso já traz consigo determinados valores axiológicos e certos posicionamentos a ele associados. Na verdade, assim como a autora, advogamos pelo caráter retórico e persuasivo associado à argumentação, ponto de vista já anteriormente defendido por Angenot (1982), considerando uma definição alargada de argumentação.⁴ E, dentro desse contexto, a Teoria da Argumentação no Discurso integra questões teóricas da análise do discurso em interface com certas concepções da Retórica e da Nova Retórica. É nesse enquadre teórico que a polêmica se instaura como uma espécie de categoria analítica pela qual é possível analisar o agenciamento de recursos argumentativos na dinamicidade discursiva.

Defendemos, assim como Amossy (2012), que os discursos, integrados em práticas sociais, apresentam uma dimensão argumentativa a eles associada e que poucos discursos têm realmente uma visada argumentativa, uma vez que

4 Esta visão alargada da argumentação associada à persuasão no contexto português já foi evidenciada em Pinto (2010) para o estudo de gêneros textuais midiáticos, políticos e jurídicos.

esta está diretamente ao caráter persuasivo a eles associado. De acordo com a autora, todo discurso tem uma dimensão argumentativa porque já traz em si, inerentemente, um certo “olhar sobre determinado assunto ou objeto” e, por esse motivo, já se opõe, mesmo que implicitamente, a outro posicionamento sobre o mesmo objeto. Mas nem todo discurso traria explícita a defesa de um ponto de vista, visando à persuasão do outro a uma determinada tese.

Todavia, não compartilhamos a ideia de que a distinção entre dimensão argumentativa e visada argumentativa se dê apenas no âmbito das relações discursivas. Pleiteamos que esta é estabelecida também no âmbito das relações textuais. É principalmente pela organização composicional de um texto que se pode verificar se há uma estrutura sequencial dominante, tal como salienta Adam (2017), evidenciando a seleção e hierarquização de argumentos em direção a uma tese. Na verdade, somente quando o texto tem sequência argumentativa dominante é que se pode dizer que ele tem visada argumentativa. Por essa razão, sugerimos que seja preferível falar em texto, não em discurso, de visada e de dimensão argumentativa.

Os textos de visada argumentativa estão organizados em termos de sequência argumentativa dominante, como a que se encontra nos artigos de opinião, nos editoriais, nos artigos acadêmicos, nos ensaios jornalísticos e acadêmicos etc.; os demais textos apresentam apenas o que Amossy chama de dimensão argumentativa. Não fica inteiramente claro o que define os textos de dimensão argumentativa, exceto o fato de utilizarem meios de agir sobre o outro, tentando fazê-lo aderir a um ponto de vista ou, mesmo, mudar de direção quanto a seu modo de ver e de sentir em relação a uma questão social. Podemos reivindicar que todo texto, pelo qual é responsável um locutor em dado papel social, busca um certo modo de atingir um interlocutor em outro papel social e, em vista disso, tem uma dimensão argumentativa, mesmo quando não se propõe problematizar uma questão social. Só assim, será possível assegurar que qualquer texto é argumentativo e que a argumentatividade é constitutiva do texto, como bem afirma Grácio (2013).

Argumentatividade, neste sentido alargado, poderia também equivaler ao sentido de persuasão. Ser argumentativo ou persuasivo envolveria uma tentativa de elaborar diferentes tipos de estratégia ou estratagemas pelo uso de recursos lexicais e avaliativos, referenciais, intertextuais, composicionais e coesivos, genéricos, polifônicos etc., para influenciar o interlocutor. Adotando esse pressuposto, justificamos por que a definição de argumentatividade, ou persuasão, converge muito bem para o que Amossy (2011, p. 130) concebe

como argumentação: “(...) a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas por parte do alocutário, ou (...) [a] tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir”. Essa concepção nos parece apropriada para o fazer da Linguística Textual porque é capaz de abarcar os mais variados textos, não somente aqueles que envolvem uma questão social, nem somente aqueles que retratam uma polêmica no espaço público.

O pressuposto de que a argumentatividade se encontra em todos os textos também é devedor do que assevera Adam sobre o conceito de argumentação do ponto de vista pragmático. Adam sempre afirmou que todo texto é pragmaticamente (ou configuracionalmente) orientado. Uma das dimensões dessa organização pragmática é sua “orientação argumentativa global”, que permite definir todo texto como visando a objetivos (explícitos ou não), a partir de representações, de crenças e/ou comportamentos.

A concepção de argumentação de Amossy (2008) é modular, varia num continuum. Tanto textos conversacionais, coconstruídos em diálogo, até textos que se contrapõem a teses antagônicas são argumentativos, no momento em que deixam ver um posicionamento quanto a valores sociais. Os textos apresentariam, por essa percepção teórica, diferentes possibilidades de modalidade argumentativa, entendendo-se por isso diferentes tipos de interação a nosso ver orientadas para uma argumentatividade, dentro desse contínuo. Como salientamos, nas análises perpetradas, algumas modalidades argumentativas definidas por Amossy (2017), passaremos a explicitá-las na próxima seção.

3. As modalidades argumentativas

Amossy (2011) apresenta algumas possíveis modalidades argumentativas, abaixo elencadas; a modalidade polêmica seria apenas uma delas, por isso é que nem toda situação interativa (e argumentativa) constitui uma polêmica:

- Modalidade demonstrativa: quando o locutor busca a adesão do(s) interlocutor(es) apresentando uma tese, como no artigo de opinião, no debate eleitoral, no editorial etc.;
- Modalidade patêmica: quando o locutor apela para os sentimentos do interlocutor, como no apelo à ajuda humanitária, no poema lírico, na declaração de amor, nos textos de autoajuda.

- Modalidade negociada: quando os participantes debatem sobre um problema que os divide, mas para o qual estão dispostos a negociar um acordo, por meio de uma negociação das divergências, como nas audiências de conciliação, nas interações comerciais;
- Modalidade polêmica: quando há confrontação de teses antagônicas, em que se tenta desacreditar o opositor.

Como exemplo de modalidade polêmica, Amossy (2017) se reporta a um caso ocorrido por volta de 2009, quando políticos propuseram um projeto de lei para proibir o porte da burca nos espaços públicos da França, e o evento desencadeou a polêmica. Segundo a autora, a polêmica pode ser atualizada por textos monogeridos ou por textos poligeridos (essa distinção entre monogerido e poligerido respeita ao texto, não ao discurso).

A autora analisa uma “interação polêmica”, ou seja, um texto poligerido, em que as vozes dos discursos reportados são reproduzidas livremente, tal como se deram. Diferentemente disso, há o que a autora chama de “discurso polêmico”, um texto em que as vozes são administradas por um mesmo e único locutor, como se vê, por exemplo, nas reportagens e nos ensaios. A interação face a face que Amossy usa para ilustrar o que denomina de “interação polêmica” é um debate televisivo que coloca em confronto um político, Jean-François Copé, e uma mulher jovem de véu (de burca) – um político (homem) e uma mulher muito jovem, mostrados como dois estereótipos ocupando lados opostos na polêmica. Já o “discurso polêmico” é ilustrado pela autora por meio de um artigo de opinião sobre o projeto de lei proibindo o uso da burca, que foi publicado em uma revista francesa.

Assim, por meio da exemplificação por textos monogeridos e poligeridos, Amossy (2017) caracteriza a polêmica como uma modalidade argumentativa do inconciliável e que, por isso mesmo, é construída pelo que a autora chama de “retórica do dissenso”.

Reiteramos, no entanto, que não estamos limitando a noção de persuasão a modalidades argumentativas que visam ao acordo, como tradicionalmente ela tem sido vista. A noção de persuasão não se restringe, para nós, nem ao debate em torno de uma questão social inconciliável, nem à finalidade de um consenso, e é constitutiva de todos os textos.

Quando a persuasão acontece numa modalidade polêmica, ela passa a ser, como propõe Amossy (2017) um modo de gestão do conflito entre discursos

opostos. Porém, uma vez que a autora afirma que a polêmica se dá a partir de casos concretos e que é efêmera, podemos sustentar que ela emerge de textos, ou seja, de eventos concretos, únicos e irrepetíveis. Na verdade, a polêmica se instaura a partir de um confronto interdiscursivo, mas é nos textos que ela emerge. Reiteramos que não estamos limitando a noção de persuasão a modalidades argumentativas que visam ao acordo, como tradicionalmente ela tem sido vista. A noção de persuasão não se restringe, para nós, nem ao debate em torno de uma questão social inconciliável, nem à finalidade de um consenso, e é constitutiva de todos os textos.

Estamos argumentando em favor da ideia de que a unidade de análise de texto pode ter uma participação especial nos critérios de análise de uma abordagem da argumentação no discurso. Na verdade, é principalmente de categorias do texto que o analista do discurso extrai os elementos que julga importantes para comprovar e justificar as relações interdiscursivas.

4. Uma demonstração analítica da polêmica

Como dissemos, a polêmica emerge, necessariamente, de uma relação intertextual e corresponde sempre a um confronto interdiscursivo. Assumimos a noção de polêmica como um modo de gestão do conflito entre discursos opostos, mas é no diálogo entre textos que ela se marca.

Para nós, só é possível aceitar a constatação de Amossy (2017) de que a polêmica se dá a partir de casos concretos e de que é efêmera, se admitirmos que ela se atualiza em textos e nas relações intertextuais. Somente na relação entre textos é que se pode compreender o conflito entre discursos. Reflitamos sobre a notícia a seguir e sobre a sequência de comentários disparados a partir dela e dos próprios textos relativos à votação que desaprovou a denúncia de corrupção passiva contra o atual presidente do Brasil:

(1) **Câmara rejeita denúncia e livra Temer de responder a processo no Supremo**
Deputados aprovaram por 263 a 227 relatório que recomendou ao plenário a rejeição da denúncia de corrupção passiva da Procuradoria Geral da República contra o presidente.

Por Bernardo Caram, Alessandra Modzeleski, Gustavo Garcia e Fernanda Calgato, G1, Brasília

02/08/2017 20h16 Atualizado 03/08/2017 09h47



Câmara derruba denúncia e livra Michel Temer de processo no STF

A Câmara aprovou na noite desta quarta-feira (2) o relatório da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), de autoria do deputado Paulo Abi-Ackel (PSDB-MG), que recomendava a rejeição da denúncia da Procuradoria Geral da República por crime de corrupção passiva contra o presidente Michel Temer.

Com a decisão, os deputados livraram Temer de responder no Supremo Tribunal Federal (STF) a processo que, se instalado, provocaria o afastamento do presidente por até 180 dias. Agora, Temer responderá no STF somente após a conclusão do mandato, em 31 de dezembro de 2018. O procurador-geral Rodrigo Janot, porém, deverá apresentar outra denúncia contra Temer, por organização criminosa e obstrução de justiça. (...)

<http://g1.globo.com/politica/noticia/votacao-denuncia-temer-camara.ghtml>

Observe-se que a notícia acima, sozinha, não atualiza uma dicotomização de tema polêmico, apenas se compromete com a informação de um evento recentemente ocorrido: a aprovação pela Câmara do relatório da Comissão de Constituição e Justiça que beneficiava Michel Temer. Na notícia, que dará ensejo à criação da polêmica manifesta, alguns referentes são estabelecidos e serão recuperados, por alusão, no metatexto dos comentários. É somente na relação intertextual, neste caso metatextual, que as polêmicas eclodem. As notícias podem gerar artigos de opinião, reportagens, editoriais, charges, como no exemplo seguinte:

(2) Tudo acaba em pizza



<https://www.google.com.br/search?q=charge+sobre+a+vota%C3%A7%C3%A3o+contra+temer&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=yNY5BuRBQmNW8M%253A%252ClyTbQa3McemRQM%25>

A expressão “tudo acaba em pizza”⁵ faz uma dura crítica ao vício nacional da acomodação e da impunidade nos momentos em que a guerra política ameaça de fato ferir os poderosos. A parte verbal da charge situa o leitor no recorte contextual que está sendo satirizado e ajuda a recategorizar, por uma metaforização, o referente manifesto no título do texto e na imagem da pizza sendo entregue “de bandeja” ao presidente. É a relação desses referentes em rede que estabelece a intertextualidade entre a charge e os textos que noticiaram e comentaram o fato ocorrido. Logo após a publicação da notícia, foram postados os seguintes comentários:

5 Acredita-se que a expressão tenha sido usada pela primeira vez, entre os anos de 1950 e de 1960, pelo jornalista esportivo Milton Peruzzi. Conta-se que após uma reunião do clube Palmeiras, todos os dirigentes, que estavam morrendo de fome, pediram 18 pizzas gigantes. Peruzzi estava presente na reunião e, no dia seguinte, publicou uma matéria com o seguinte título: “Crise do Palmeiras termina em pizza.” Após essa matéria, o jornalista começou a usar a expressão em outras reportagens, mas sempre como sinônimo de “acabar bem”. Desta forma, a expressão não estava associada a um problema ou denúncia que não deu em nada, ao contrário, a expressão fazia referência ao talento brasileiro para os desfechos festivos e a amizade peculiar do jeitinho brasileiro. No entanto, esse sentido de “tudo acaba em pizza”, relativo a “tudo acaba bem”, originariamente empregado, foi ressignificado com a crise da deposição do ex-presidente Fernando Collor, quando os jovens, chamados de “caras pintadas” tomaram as ruas. A partir desse movimento, a expressão se transformou no sentido que hoje tem.

(3) Comentários dos internautas 1**A.**

HÁ 23 HORAS

quero ver em 2018, se esses 90% da população que está contra esse governo votar nesses corruptos novamente.

M. B.

HÁ 18 HORAS

É mesmo Aline. Vamos votar consciente.

R. C.

HÁ 23 HORAS

Nas próximas eleições, se querem realmente mudar esse país, filiem-se a algum partido e candidatem-se! Digo para filiareem-se, pois, nesse país já não cabe mais partidos. Escolham o que vocês têm mais afinidade, algo que se aproxime ideologicamente com o que você pensa. Tornando-se candidato, você irá receber alguns votos e, talvez, até chegue a ser eleito. Isso fará com que muitos desses bandidos NÃO RECEBAM VOTOS, dificultando assim o retorno ao prostíbulo, renovando o meio e minimizando os “vícios políticos”.

M. B.

HÁ 18 HORAS

Isso mesm,esses que estão aí,a maioria aí,estão manchados até a alma!

Sp

HÁ 18 HORAS

A todos os 263 rabos presos e/ou vendidos que votaram sim pela manutenção da corrupção: 2018 está próximo!

W.

HÁ 24 HORAS

QUADRILHAS EFICIENTES, ELES MESMOS ROUBAM,ELES MESMOS JULGAM,ELES MESMOS SE ABSOLVEM.... VERGONHAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!

S. K.

HÁ 22 HORAS

DISSE TUDO!! ESTAMOS NA BERLINDA DA BERLINDA

C.

HÁ UM DIA

Assim caminha a humanidade, a massa de manobra se levantou contra a presidenta em uma ação orquestrada pela elite e mostram-se inertes aos seus próprios anseios, se calando e sem protestar. Dinheiro distribuído aos montes, direitos retirados, dividas previdenciárias dos ricos anistiadas , gasolina mais cara do mundo, conquistas do Governo Temer.

T.

HÁ UM DIA

poise. Muito bem, coxinhas. Vocês provam a falta de cérebro diariamente.

Cumpramos notar como as posições políticas se dicotomizam já nos primeiros comentários e se radicalizam como polos opostos, sem alternativas intermediárias. No comentário de S. K., por exemplo, o locutor se coloca como Proponente da tese de que aqueles que livraram o presidente (aludindo aos Deputados mencionados na notícia) fazem parte de uma quadrilha bem articulada. O locutor desqualifica o Oponente do começo ao fim, categorizando os referentes aludidos já como “quadrilhas eficientes”, logo em seguida justificando o modo como introduziu os referentes no texto, o que ajuda a recategorizá-los, a fazê-los evoluir na interação. A crítica se exacerba com a fonte em caixa alta, com a reiteração de vocábulos, com a repetição continuada de caracteres, evocando um grito de protesto, e com as exclamações. Assim, tais recursos não constituem somente efeitos de estilo para os posicionamentos dentro do dissenso: como efeitos de estilo, eles acentuam o valor axiológico dado aos referentes apresentados como introdução referencial. No processo de recategorização, a expressão referencial “vergonha” encapsula as ações da Câmara, avaliando-as negativamente como roubo e julgamento desonesto, homologando, assim, o ponto de vista defendido.

É nesse sentido que corroboramos a afirmação de Amossy (2008) de que a modalidade polêmica é linguageira e se ocupa não só de raciocínios e de técnicas argumentativas, mas também de certas escolhas do léxico, dos dêiticos, dos conectores e das pressuposições. Porém a isso acrescentamos que os parâmetros textuais, como a seleção do gênero, como a construção referencial e como a intertextualidade, dentre outros, respaldam as escolhas linguageiras.

O próprio gênero comentário em *webnotícia* já possibilita o estabelecimento da polêmica. O gênero determina, assim, o enquadre enunciativo em que essa interação polêmica pode se dar no espaço público e orienta sobre como os interlocutores podem se colocar nos papéis de Proponente e de Oponente dentro do conflito interdiscursivo que o texto evidencia. Vejamos mais alguns comentários.

(4) Comentários dos internautas 2

Sa Ko

Os Deputados são representantes dos eleitores ou procuradores do Presidente?

My.Oli

HÁ 21 HORAS

sou empresário e Tô com Temer. Meus empregados estão contra o Temer. Aí eu pergunto...quem paga, é que manda, certo? Então, bóra Temer! Parabéns congresso nacional.

Ro Ca

HÁ 23 HORAS

Engano seu meu amigo, quem paga é sempre o povo! Empresario da “incentivo” pra campanha pra receber “incentivo”, recebe o perdão de dívidas, enfim... empresario pode tudo, mas a conta quem paga é sempre o povo!

Jo Pa

HÁ 23 HORAS

ser honesto neste país é motivo de piada!

Jo Pa

HÁ 23 HORAS

vitória desonesta não tem graça! lamentável!

Jo Pa

HÁ 24 HORAS

ouvi na Bandeirantes hoje de manhã: nem no banho de sol do Carandiru se reuniu tantos ladrões!

Da

HÁ UM DIA

Vou me mudar do Brasil, qualquer país serve ,até o Paraguai. Venezuela é menos podre, pelo menos lá o povo luta e está disposto até a morrer por causa na causa.

Dema

HÁ UM DIA

O que esta esperando, já deveria ter ido, lá estão precisando de militonto preguiçoso.

Má

HÁ UM DIA

Vai mesmo para lá, pois as chances do seu Luladrão transformar o Brasil numa Venezuela estão ficando cada vez mais escassas.

Lu As

HÁ 24 HORAS

Covarde

Be Al

HÁ UM DIA

Por mais que não concordem, ano que vem NINGUÉM ganha de B/o/l/s/o/n/a/r/o! Tudo conspira a favor dele!

Ti Li

HÁ UM DIA

os esquerdinhas vao entrar em colapso

Be Al

HÁ UM DIA

O povo vota em quem tem mais fotos espalhadas pela cidade. Nós temos os representantes que merecemos.

Lu Si

HÁ UM DIA

Vocês irão pagar por isso deputados corruptos. 2018 vem aí.

Ca Tr

HÁ UM DIA

Vai nada, o povo é idiota e votarão nos mesmo novamente.

Ed Ol

HÁ UM DIA

Seria tão simples combater esses criminosos que votaram a favor do Temer, basta anotar seus nomes e nunca mais votar neles!

Do Da

HÁ UM DIA

Eu anotei pra votar sempre neles, pois eles estão a favor do Brasil!

An Ca

HÁ UM DIA

95% da população queria que ele fosse investigado, e barram a investigação, isso só prova que esses políticos não representam a vontade do povo e so se preocupam em se ajudar, massacrando o povo com corrupção, aumento de impostos e reformas. Por muito menos, na revolução francesa, muitas cabeças foram degoladas. ACORDA POVO VAMOS NOS MOVIMENTAR

Ví

HÁ UM DIA

a favor do Brasil ou a favor da corrupção?

Lu Si

HÁ UM DIA

Renovação no congresso já...

Ma Mi

HÁ UM DIA

Os caras que formam a quadrilha do criminoso Michel Temer são muito pica-retas, muito ruins. Conseguiram livrar o Temer e ao mesmo tempo asseguradas suas imunidades. Mas a eleição vem ai e os eleitores não perdoarão.

É interessante observar que a intertextualidade se verifica não só entre os comentários e a notícia que os provocou, mas também acontece com os comentários entre si, de maneira que alguns deles terminam por compor uma interação polêmica, como podemos notar pelos exemplos dados e por outros mencionados em (5):

(5) Comentários dos internautas 3

Fe Bu

sou empresário e Tô com Temer. Meus empregados estão contra o Temer. Aí eu pergunto...quem paga, é que manda, certo? Então, bóra Temer! Parabéns congresso nacional.

Ro Ca

HÁ 23 HORAS

Engano seu meu amigo, quem paga é sempre o povo! Empresario da “incentivo” pra campanha pra receber “incentivo”, recebe o perdão de dívidas, enfim... empresario pode tudo, mas a conta quem paga é sempre o povo!

Jo Pa

HÁ 23 HORAS

ser honesto neste país é motivo de piada!

Jo Pa

HÁ 23 HORAS

vitória desonesta não tem graça! lamentável!

Jo Pa

HÁ 24 HORAS

ouvi na Bandeirantes hoje de manhã: nem no banho de sol do Carandiru se reuniu tantos ladrões!

A polarização, como busca de adeptos, dirigida a Terceiros, fica claramente exposta no comentário de *Ro Ca*, quando se declara empresário e tenta cooptar os leitores que se identificam com ele. Logo após, *Jo Pa* o rebate e se põe em polo oposto, buscando arrebanhar os que reconhecem como o referente “o povo”, contra os referentes Temer e Congresso Nacional.

O comentário de *Da* assim como os demais, é um texto de visada argumentativa, que advoga em favor de uma tese. Dificilmente, os comentários, por sua brevidade costumeira, explicitam o raciocínio construído.

(6) Comentários dos internautas 4

Da

HÁ UM DIA

Vou me mudar do Brasil, qualquer país serve ,até o Paraguai. Venezuela é menos podre, pelo menos lá o povo luta e está disposto até a morrer por causa na causa.

De

HÁ UM DIA

O que esta esperando, já deveria ter ido, lá estão precisando de militonto preguiçoso.

Má

HÁ UM DIA

Vai mesmo para lá, pois as chances do seu Luladrão transformar o Brasil numa Venezuela estão ficando cada vez mais escassas.

Lu As

HÁ 24 HORAS

Covarde

Be Al

HÁ UM DIA

Por mais que não concordem, ano que vem NINGUÉM ganha de B/o/l/s/o/n/a/r/o! Tudo conspira a favor dele!

Ti Li

HÁ UM DIA

os esquerdinhas vão entrar em colapso

Be Al

HÁ UM DIA

O povo vota em quem tem mais fotos espalhadas pela cidade. Nós temos os representantes que merecemos.

Lu Si

HÁ UM DIA

Vocês irão pagar por isso deputados corruptos. 2018 vem aí.

Ca Tr

HÁ UM DIA

Vai nada, o povo é idiota e votarão nos mesmo novamente.

Ed Ol

HÁ UM DIA

Seria tão simples combater esses criminosos que votaram a favor do Temer, basta anotar seus nomes e nunca mais votar neles!

Do Da

HÁ UM DIA

Eu anotei pra votar sempre neles, pois eles estão a favor do Brasil!

An Ca

HÁ UM DIA

95% da população queria que ele fosse investigado, e barram a investigação, isso só prova que esses políticos não representam a vontade do povo e so se preocupam em se ajudar, massacrando o povo com corrupção, aumento de impostos e reformas. Por muito menos, na revolução francesa, muitas cabeças foram degoladas. ACORDA POVO VAMOS NOS MOVIMENTAR

Ví

HÁ UM DIA

a favor do Brasil ou a favor da corrupção?

Lu Si

HÁ UM DIA

Renovação no congresso já...

Ma Mi

HÁ UM DIA

Os caras que formam a quadrilha do criminoso Michel Temer são muito picaretas, muito ruins. Conseguiram livrar o Temer e ao mesmo tempo asseguradas suas imunidades. Mas a eleição vem aí e os eleitores não perdoarão.

No comentário de *Da*, o locutor menciona indiretamente o comunismo, demonstrando, por anáfora indireta, ser apoiador do governo da Venezuela. A partir dele, os demais internautas, que possivelmente são contra o comunismo e acreditando que isso é característico de apoiadores do ex-presidente Lula, começam a se colocar em oposição a *De*, como adeptos do comunismo e contra o comunismo; a favor de Lula e contra Lula. Na sequência, o dissenso prossegue com eleitores de direita (eleitores do provável candidato Bolsonaro) no papel de Proponentes e respondem ao comentário de *Da*, colocado agora como Oponente.

Assim, em diálogos intertextuais, numa polêmica favorecida pelo próprio ambiente virtual em que ocorrem os comentários na *webnotícia*, os referentes já são apresentados com uma carga valorativa que leva à tentativa de desqualificação do Oponente.

5. Conclusão

Este trabalho refletiu sobre a ideia de que o caminho da teoria da argumentação nos discursos, de Amossy, se cruza com a Linguística Textual, afirmando que é exatamente no reconhecimento da utilização de estratégias argumentativas, mas não somente as relacionadas a polêmicas, que o caminho da LT converge para os pressupostos de Amossy. As categorias analíticas da Linguística Textual se prestam mais eficazmente à análise do que autora trata ora como “procedimentos argumentativos”, ora como “estratégias argumentativas”.

A Linguística Textual se alinha com os pressupostos da teoria da argumentação no discurso porque vem supondo os interlocutores como verdadeiros agentes sociais, não como meros participantes de uma situação comunicativa imediata; porque, assim como Amossy, lidamos com um sujeito que nem é pura intencionalidade, nem é completamente sobredeterminado por condições sociais. Acreditamos numa retórica conciliável com pressupostos do dialogismo bakhtiniano e das AD de Maingueneau e de Charaudeau. Assim como Amossy, temos interesse em outros modos de procedimento argumentativo para além das técnicas argumentativas e das figuras retóricas.

Referências

- Adam, J.-M. (2017). *Les Textes: types et prototypes*. Paris: Armand Colin.
- Amossy, R. (2017). *Apologia da polêmica* (Trad. de Mônica Cavalcante et alii). São Paulo: Contexto.
- Amossy, R. (2012). *L'Argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin.
- Amossy, R. (2011). Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares (Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira). *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 1, 129-144.
- Amossy, R. (2005). *Rhétorique et analyse du discours. Pour une approche socio-discursive des textes*. In J.-M. Adam & U. Heidmann (Orgs), *Sciences du texte et analyse de discours. Enjeux d'une interdisciplinarité* (pp. 163-179). Genève: Slatkine érudition
- Amossy, R. (2001). As modalidades argumentativas do discurso. In G. Lara, C. Auvray-Assayas & D. Delattre (Orgs), *Cicéron et Philodème. La polémique en philosophie*. Paris: Ed. Rue d'Ulm.
- Brunschwig, J. (2003). Aspects de la polémique philosophique en Grèce ancienne. *La Parole Polémique*. In G. Declercq, M. Murat & J. Dangel (Orgs), *La Parole polémique* (pp. 25-46). Paris: Champion.
- Machado, I. & Emediato, W. (Orgs) (2008). *Análises do discurso hoje*, vol. 1 (pp. 231-254). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Machado, I. & Emediato, W. (2007). O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 9, 121-146.
- Angenot, M. (1982). *La parole pamphlétaire*. Typologie des discours modernes. Paris: Payot.
- Charaudeau, P. (2017). *Le débat public. Entre controverse et polémique. Enjeu de vérité, enjeu de pouvoir*. Limoges: Lambert-Lucas.
- Declercq, G., Murat, M. & Dangel, J. (Eds). (2003). *La parole polémique*. Honoré Champion.
- Grácio, R. A. (2013). *Vocabulário crítico de argumentação*. Coimbra: Grácio Editor/ Instituto de Filosofia da Linguagem da Univ. Nacional de Lisboa.
- Grésillon, A. & Maingueneau, D. (1984). Poliphonie, proverbe et détournement. *Langages*, 73, 112-125.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1980). *L'annonce de la subjectivité dans le langage*. Paris, Colin.
- Maingueneau, D. & Charaudeau, P. (2014). *Dicionário de análise do discurso* (3.ed., 1ª reimpressão). São Paulo: Contexto.
- Perelman, Ch. & Olbrechts-Tyteca, L. (2005). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Plantin, Ch. (2003). Des polémistes aux polémiqueurs. In G. Declercq, M. Murat & J. Dangel (Orgs), *La Parole polémique* (pp. 377-408). Paris: Champion.

Pinto, R. (2010). *Como argumentar e persuadir? Prática Política, Jurídica, Jornalística*. Lisboa: Quid Juris.

[recebido em 1 de dezembro de 2017 e aceite para publicação em 21 de junho de 2018]